

“O Czar da monstruosidade

A vinda de um representante da hegemonia aparece no jornal E discretamente, em notícia miúda, para não espantar e nem alertar para sua bagagem, aparentemente banal, qual seja, a própria legitimação do que noticia. “*Czar das Drogas chega ao Rio para conhecer o trabalho do Bope*” (Jornal do Brasil, segunda-feira, 7/9/2008, Cidade, A14). O que tem isso demais? Nada. Estranhável e ameaçador um americano (ex-diretor da agência nacional antidrogas do governo Clinton) chegar ao Rio? O “*Czar das Drogas*”, competentíssimo nos assuntos de informação, investigação, punição e repressão? Nada, absolutamente nada, responderá a distanciada “consciência” da elite. Apenas assustados paranóicos notam sinais de ameaça ou possibilidade de violação da tessitura da dignidade humana e autodeterminação do Brasil e da América Latina.

O projeto embutido na visita do Czar é tão inocente e cordial quanto à presença em águas atlânticas e nacionais, na baía do Rio de Janeiro, ou melhor, em nosso *mar de janeiro*, de pequeno barco da IV Frota dos EUA. Somente paranóicos preocupados com os projetos da hegemonia para a América Latina enxergam maldades em inofensivas visitas de boa vizinhança. Nossa elite dirá: John Perkins (Confissões de um assassino econômico) José de Fiori (Poder Global) Noam Chomsky (O que o Tio Sam realmente quer?), S George (Rapport Lugano), bem como os Colby, Charlotte Dennett e Gerard (Seja Feira a vossa vontade), desvendam sinais e demonstram perigos, porque delirantes. Vislumbram na cooperação internacional traços de dominação, de hegemonia e amputação das alternativas libertárias das nações do “terceiro” mundo. Ou como disse um festejado torturador que serviu ao golpe militar brasileiro de 1964, “essa baixa gente do 3º Mundo, principalmente “gentinha pobre e negra das favelas, justamente onde, nos ventres das mulheres pobres e negras, germinam os males” que o Czar da Drogas, tanto quanto a IV Frota e tantos reles serviços brasileiros, estão prontos para prevenir. Mesmo porque, como prelecionou o atual governador Sergio Cabral Filho, tais *ventres são verdadeiras fábricas de marginais*.

Os paranóicos que, em maioria são *gauche*, não percebem o quanto as práticas (que o Czar vem para aperfeiçoar) são edificantes! Desconhecem a semântica dos esquemas financeiros globais a respeito dos povos submetidos. Pois está escrito nos “papers” do esquema: *low people!* Precisa mais?

Portanto, a consciência ingênua da elite silenciando, aceitando e naturalizando, muito ajudará o Czar.

Tal pedagógica missão, segundo se sabe, está na frente dos métodos modernos de política de segurança. Retoma conceitos e práticas repressivo-punitivas bárbaras, dos regimes de

força. Um deles: problemas gerados pela pobreza são problemas de polícia. O perigo do narcotráfico não é problema de polícia, mas de Segurança Nacional!

A proposta do Czar Brown reforça opção bélica da segurança pública apoiada no seguinte: o Brasil (em particular o Estado do Rio de Janeiro) está à beira do abismo da criminalidade! Se isso é verdade, a proposta do Czar é, fora de dúvidas, um passo a frente!

A elite por isso pede mais grades, aumento de penas, diminuição da idade para punir, mais rigor dentro dos cárceres. Mais brutalidades, mais torturas, mais execuções sumárias! Os governos (estadual e federal) “ não enxergam” e reafirmam: é isso mesmo! Matar sempre e sempre antes, de gesto ou apuração.

Então a Polícia não anda matando eficazmente os pobres nas favelas? Não pode atuar sozinha? Que desconsideração!

O Czar americano preconiza – não métodos comunitários de prevenção – mas um estranho e fascista sistema de vigilância comunitária: desenvolver *esquemas de transmissão de informações sobre presenças estranhas e ocorrências suspeitas nas comunidades!* Um recíproco vigiar e fiscalizar. Vizinhos vigiando e denunciando uns aos outros.

Os nefastos necrológicos, autos de resistência da Polícia respondem: veja, já matamos tantos suspeitos de crimes e moradores das favelas. A estatística das nossas ações mortíferas cresceu perto de 50% no ano de 2007. Estamos brutalizando, torturando e matando em alta e constante escala ascendentes. Os nazistas nos campos de concentração ficariam com inveja dos nossos números. Não basta? Somos tão eficientes e não precisamos de nenhum Czar estrangeiro! Bradariam as tropas da Elite se soubessem dessa afronta aos brios policiais e brios do Exército Brasileiro! E estamos argumentando apenas com dados extraídos dos autos de resistência. E se houvesse uma lei exigindo *autos de tortura contra resistência?* Seria a mais elevada estatística mundial, mesmo levando em conta a historia universal da tortura.

A barbárie não deve ficar a mercê de algumas práticas como a noticiada. Necessita de novas leis regulando sua eficácia política. Deveria ser criada a Escola Nacional de Tortura e Assassinatos de Suspeitos (ENTAS)

Se essas escolas já estivessem funcionando saberíamos que a chegada do CZAR da Drogas expressa o que o brasilianista Samuel P. Huntington, “descreve” futuras guerras. Mas não saberíamos que esse senhor Huntington (não o primeiro nem último a domesticar brasileiros ajustando-os as exigências hegemônicas) não passa de um estrategista fracassado da guerra do Vietnã. E muito menos saberíamos: o

que Mr. Browns considera “perigo para a soberania nacional” corresponde ao que Mr. Huntington chamou de choque das civilizações. “E menos ainda que tudo isso (Mr. Brown, IV Frota) mascara o verdadeiro choque de civilizações, já bem esclarecido por Leonardo Boff, no mesmo Jornal do Brasil, em 27.08.2007-A12, que lembra temas correlatos; holocaustos coloniais”, *a ameaça global da gripe viária, etc.* A guerra de civilizações se daria entre a cidade organizada e a multidão de favelas do mundo. Mike Davis, pesquisador norte-americano, em Planeta Favela(2006), analisa a favelização acelerada em todas as partes do mundo. O ponto crítico: grupos fortes se apropriam da terra e dos seus recursos excluindo os grupos fracos, condenando-os a miséria. O império norte-americano teme os efeitos geopolíticos de um planeta de favelas, ou a “urbanização da revolta”.

E os paranóicos de *gauche* complicariam muito a simpática e amiga visita do Czar das drogas, dizendo ser ele, com suas propostas, uma adaptação modernizada da Santíssima Inquisição, que tantos vigiou, torturou e matou, das técnicas da Gestapo nazista, tanto na Alemanha (para atingir os opositores) como nos países conquistados. O assunto ficaria mais complicado ainda se esses paranóicos lembrassem a atuação militar do MOUT. Sigla mais estranha que a visita do Czar, principalmente depois que se revelar que matar as pessoas pobres em áreas da periferia, nas favelas do Rio de Janeiro não é um gosto da nossa poícia, muito menos uma predileção (subjetiva) do nosso ilustre governador Cabral Filho. Ele, diferente do seu antigo xará, não descobriu terrenos novos, apenas aplicou um plano do Pentágono que desvenda outras terras, quais sejam os terrenos não urbanizados. Exatamente isso.. Precisamente isto: treinar tropas em caminhos labirínticos, esgotos, favelas, em qualquer lugar do mundo. São, em princípios, os espaços que denominam “as cidades fracassadas e ferozes do Terceiro Mundo” serão os novos campos de batalha: luta entre a cidade amedrontada e a favela enfurecida (Boff) .Nessa linha, alguém lembraria a antevisão de Baumann sobre a eliminação de pessoas (pobres, naturalmente) consideradas *excedentes* no projeto social como material descartável em edifício cuja obra foi concluída e, para ser habitável precisa desaparecer com o refugo; no plano humano, os *excluídos*. Esses pobres, na definição do Direito Romano eram os saucer. E quem os matasse, segundo a lei, não cometia homicídio. A ideologia governamental-policial que legitimou a matança dos pobres nas favelas do Rio e nos demais espaços periféricos, ou seja, terrenos não urbanizados.

“A chegada de Mr. Brown, enquanto Czar das Drogas representa a Pax Romana”, monitorando a exclusão social. Os saucer, os escravos “quebrados” no Brasil, até o século

XIX, os “caidinhos” na prisões do Estado, são a pobreza assassinada que figura, in mina pars representada, no repertório “legal” dos autos de resistência.

Para o espetáculo de horror encenado mascaradamente nos espaços sem estado de direito onde vive a população periférica, são o real elenco que o Czar das Drogas virá ensinar a vigiar, fiscalizar e delatar.

Niterói, 7 de julho de 2008
Joao Luiz Duboc Pinaud